

---

## **Karol Conka: representações e o ciberativismo negro no Brasil<sup>1</sup>**

Gabriel AROUCHE<sup>2</sup>  
Patrícia Rakel de Castro SENA<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

### **RESUMO**

A presente pesquisa tenta relacionar a internet e movimentos sociais negros, a partir da arte e resistência da rapper Karol Conka. Pressupõe-se que a cantora se tornou um símbolo de representatividade negra no Brasil, dentre outros fatores, principalmente devido ao alcance que os meios digitais proporcionaram à população e a estes movimentos. Para isso, foram abordados estudos acerca da representação social atribuída ao negro durante a construção do Brasil, da constituição do movimento negro brasileiro, bem como suas reivindicações, articulações etc. e das novas formas de mobilização no ciberespaço, a partir de músicas e entrevistas que sinalizam o discurso da rapper brasileira. O objetivo do trabalho, portanto, foi analisar o discurso da cantora relacionando-os com as (re)significação das formas de resistência frente aos novos desafios de construir e exercer a cidadania no Brasil.

**Palavras-chave:** Representação social. Movimento negro brasileiro. Karol Conka. Discurso. Ciberativismo.

### **1 INTRODUÇÃO: KAROL CONKA E O RECORTE DE UMA PESQUISA**

Quando abordamos questões sobre a representação do negro, a sua presença na mídia *mainstream* e o porquê de ela ser baixa, em comparação com a quantidade de pessoas da etnia branca que estão e são representadas, devemos recorrer a fatores históricos que contribuíram para a construção desta realidade. Dentre esses fatores, Fernandes (2015) aponta a escravidão como o pilar que estruturou a forma como a sociedade brasileira se relaciona com os afrodescendentes, afinal, foi a partir deste momento que as pessoas com a pele preta começaram a ser vistas como inferiores. Ideia reforçada no ocidente, especialmente no Brasil, pelo poder que a igreja católica exercia sobre a sociedade (herança de Portugal que até hoje é um país essencialmente católico) ao afirmar que negro não tinha alma – argumento ratificado pelas teses eugenistas<sup>4</sup> nas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Publicitário pela Universidade Ceuma. E-mail: [gabrielnasc01@gmail.com](mailto:gabrielnasc01@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora. Doutora em Comunicação pela UFPE e em Ciência da Comunicação pela UBI. É professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFMA, onde coordenada a linha de pesquisa MID – Mídia e Democracia, do Núcleo de Estudos em Estratégias de Comunicação. E-mail: [rakeldecastro@gmail.com](mailto:rakeldecastro@gmail.com).

<sup>4</sup> O negro era tido como inferior ao branco, a começar da massa encefálica, que pesa menos, e do aparelho mastigatório, que possui caracteres animais, até as faculdades de abstração, que nele é tão pobre e fraca. Quaisquer que sejam as condições sociais em que se coloque o negro, estava ele, segundo tais pensamentos vigentes, condenado pela sua própria morfologia e fisiologia jamais poder igualar ao branco (RODRIGUES, 2008, p. 241).

---

quais se alegava a inferioridade do negro em relação ao branco, iniciando do seu intelecto e se entendendo até as suas características fisiológicas.

Partindo destas teses eugenistas, surgiu uma política do branqueamento, na qual era imposto à população negra o processo de expropriação das suas origens africanas. Além disso, afirmava-se que com o processo de miscigenação da sociedade brasileira os descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos a cada geração. Na obra *Os africanos no Brasil*, Rodrigues (2008) cita que a identidade do negro foi forjada para e pela sociedade com a finalidade de estabelecimento de uma hegemonia branca. Neste sentido, começaram a surgir produtos destinados à população negra findando o disfarçasse de seus traços genéticos, alguns exemplos são o pó facial, alisamento capilar e a chapinha.

Em alguns ramos da comunicação como na moda, cultura e beleza, o negro e outras formas estéticas – gordos, baixos, “feios”<sup>5</sup> etc. – até pouco tempo, possuíam pouca representatividade social positiva quando se discutia essas questões e isso se deve ao fato da mídia pautar o seu discurso a partir do ideal eurocentrista<sup>6</sup>. Os meios de comunicação foram essenciais tanto para perpetuar estereótipos, quanto para reprimir e / ou excluir a imagem, principalmente do negro, do campo da representação social. Rocha e Santos (2012) citam que é a partir desse ponto que se torna importante entender os processos comunicativos, pois isso implica em compreender a cultura e o modo como ela se organiza na sociedade contemporânea. Ideia reafirmada pelos Estudos Culturais com os autores Williams (1969), Thompson (1987) e Hall (2003).

Posicionando-se contra essa realidade, começaram a surgir alguns movimentos sociais que reivindicavam igualdade racial (étnica), igualdade de gêneros, proteção ambiental, respeito à minorias direitos etc. Eles lutavam, inclusive, para que a cultura fosse reconhecida pela ciência e pela mídia como lugar de geração importante de significados e poder. O movimento a ser estudado aqui é o negro, que teve como

---

<sup>5</sup> A noção de feio, aqui apresentada, é baseada em algumas teorias sociais do século XIX, como o evolucionismo de Spencer (1889), em que se defendem teses eurocêntricas, ou seja, afirma-se a ideia de uma excepcionalidade europeia e que as sociedades e os povos “pré-modernos” ou “arcaicos” deveriam ser estudados como estágios de um caminho civilizacional, cujo ápice da sua evolução seria a Europa Ocidental. Esse ápice pode ser observado desde o âmbito econômico-social (o capitalismo), culturalista (modernidade, cultura greco-romana), religiosa (judaico-cristã), racial (“branca”), etc.

<sup>6</sup> O eurocentrismo é uma visão de mundo que tende a colocar a Europa (assim como sua cultura, estética, seu povo, suas línguas, etc.) como o elemento fundamental na constituição da sociedade moderna, sendo necessariamente a protagonista da história do homem.

representantes mundiais Martin Luther King (1929 – 1968)<sup>7</sup>, Nelson Mandela(1918 – 2013)<sup>8</sup>, Nina Simone (1993 – 2003)<sup>9</sup> etc. e no Brasil temos como representantes João Cândido (1880– 1969)<sup>10</sup>, Dandara dos Palmares<sup>11</sup>, Castro Alves (1847– 1971)<sup>12</sup>, Zumbi dos Palmares (1655 – 1695)<sup>13</sup>, dentre outros.

Com o surgimento da Arpanet em 1969 (para fins militares) e da WWW (já no início da década de 90, com fins comerciais)<sup>14</sup> logo nos anos seguintes, com a popularização da internet, este movimento se viu diante de uma ferramenta muito útil para ampliar o alcance de seus debates. Lévy (2000) cita que o ciberespaço propicia a propagação de conteúdo em uma escala maior, pois integra todas as mídias que já existiam anteriormente, como a escrita, a imprensa, o telefone, o cinema, o rádio, a televisão etc. Nesse panorama teórico Jenkins *et al.* (2014, p.4) afirma que isso ocorre em razão de que “essas plataformas oferecem novas capacidades para as pessoas passarem adiante artefatos de mídia”, ou seja, os indivíduos agora podem fazer-se nitidamente presentes ao compartilhar, modelar e criar conteúdo para os meios digitais, dadas as suas devidas janelas e poder de visibilidade.

No contexto do ativismo e ciberativismo<sup>15</sup> negro brasileiro, surgiram algumas figuras que receberam maior destaque, como a professora Djamila Taís Ribeiro dos Santos – Mestre em Filosofia Política pela Unifesp – que ficou conhecida, especialmente, por seu ativismo digital e a rapper Karol Conka, que é o objeto empírico deste estudo, e quem ganhou maior visibilidade no Brasil após lançar a música “Tombei”, cujo discurso é pautado no feminismo. A canção foi lançada no final de 2014, obteve uma grande propagabilidade em 2015, com o lançamento do videoclipe, e atualmente possui mais de

---

<sup>7</sup> Discurso “I Have a Dream”. Disponível em <<http://negobelchior.cartacapital.com.br/integra-do-discurso-feito-por-martin-luther-king-i-have-a-dream/>>

<sup>8</sup> Bibliografia - STENGEL, Richard. Os caminhos de Mandela: lições de vida, amor e coragem. Tradução de Douglas Kim. – São Paulo: Globo, 2010. Disponível em <<http://www.saserj.org.br/uploads/2016/06/14/downloads/os-caminhos-de-mandela.pdf>>

<sup>9</sup> Documentário “What Happened, Miss Simone?” Disponível em <[www.netflix.com](http://www.netflix.com)>

<sup>10</sup> Conhecido como o Almirante Negro. Liderou a Revolta da Chibata que exigia o fim dos castigos físicos aos negros nas embarcações. Ficou imortalizado na música “Mestre-Sala dos Mares”, de João Bosco e Aldir Blanc.

<sup>11</sup> Bibliografia em: ARRAES, Jarid. Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordeis. São Paulo: Pólen, 2012.

<sup>12</sup> Poeta baiano que usou sua obra para criticar e combater a escravidão.

<sup>13</sup> Um dos principais representantes da resistência negra à escravidão na época do Brasil Colonial. Foi o líder do Quilombo dos Palmares.

<sup>14</sup> Conforme Rüdiger (2013).

<sup>15</sup> O ciberativismo refere-se a práticas sociais associativas de utilização da internet por movimentos politicamente motivados, com o intuito de alcançar suas novas e tradicionais metas. O principal objetivo, como de todo ciberativismo, é difundir informações e reivindicações sem mediação, e organizar ações independentes e livres. Lemos (2003).

---

20 milhões de visualizações na plataforma Youtube<sup>16</sup> e mais de 12 milhões de plays no Spotify<sup>17</sup>.

Nesse sentido, esta pesquisa objetivou analisar de que forma a internet foi utilizada como instrumento de fortalecimento e ampliação das ações do movimento negro brasileiro<sup>18</sup> tendo como objeto de análise a visibilidade que a cantora Karol Conka ganhou após lançar músicas com o discurso muito pautado nos ideais que o movimento negro possui, e, posteriormente, se tornando um símbolo de representatividade negra no Brasil.

De maneira ainda mais específica e complementar, almejou-se a analisar o discurso da cantora Karol Conka, através de entrevistas para a internet e mídias convencionais e as músicas da cantora tendo como critério de escolha o número de visualizações dos vídeos e de execuções de suas músicas nas plataformas digitais Youtube e Spotify. Pretendeu-se, portanto, investigar como acontece a relação do ativismo e ciberativismo negro brasileiro com os meios de comunicações convencionais dentro e fora da rede.

Dessa forma, parte-se do seguinte problema pesquisa: “como a cantora Karol Conka se apropriou da internet para contribuir com o fortalecimento do ativismo e ciberativismo negro brasileiro através de suas músicas e discursos?”. Partindo deste questionamento, algumas hipóteses possíveis foram elaboradas: 1. A internet foi a ferramenta que mais auxiliou a cantora Karol Conka a se tornar um ícone de representatividade negra no Brasil; 2. Se a internet não tivesse sido popularizada e transformada em um bem de consumo, a representatividade do negro seria ainda mais baixa como nas mídias convencionais; 3. O ciberativismo, hoje, é a principal forma de reivindicação de direitos das “minorias”, principalmente a negra; 4. O ativismo presente no discurso e nas músicas da rapper Karol Conka não teria o mesmo impacto se não fosse a internet.

Outrossim, esta pesquisa justifica-se por analisar e entender a relação entre os *media* e os movimentos sociais étnicos como um assunto que não recebeu o destaque que

---

<sup>16</sup> Site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

<sup>17</sup> Serviço de música comercial em streaming, podcasts e vídeo comercial que fornece conteúdo provido de restrição de gestão de direitos digitais de gravadoras e empresas de mídia.

<sup>18</sup> O histórico de movimentos sociais no Brasil, conforme Fernandes (2015), é extenso, vem desde a colônia e, em sua maioria, é uma luta de interesse políticos e sociais entre negros e brancos. Dentre os principais movimentos ocorridos, têm-se: Zumbi dos Palmares (1630-1695), Inconfidência Mineira (1789), Conspiração dos Alfaiates (Minas, 1798), Revolução Pernambucana (1817), Balaiada (Maranhão, 1830-1841), Revolta dos Malés (Bahia, 1835), Cabanagem (Pará, 1835), Revolução Praieira (Pernambuco, 1847-1849), Revolta de Ibicaba (Estado de São Paulo, 1851), Revolta de Vassouras (Estado do Rio, 1858), Revolta Muckers (Rio Grande do Sul, 1874), Revolta do Vintém (Rio de Janeiro, 1880) e Canudos (Bahia, 1874-1897).

deveria durante a construção da história dos meios de comunicação brasileiros, como aponta Lima (2004). Entender essa relação, a forma que ela se desenvolveu e seus resultados gerados é importante, principalmente, porque existe uma luta de quase quatrocentos anos da população negra que continua sendo historicamente reprimida e descaracterizada através de discursos apresentados pela própria mídia. Discursos estes que serviram para manter e fortalecer a estrutura racista na qual a população brasileira está inserida, como aponta Guimarães (2004).

Silverstone (2002) afirma que a mídia deve ser pensada como um processo de mediação, na qual o que é dito (representado) pode ser recebido e (re)interpretado através de uma infinidade de maneiras. São essas representações elaboradas pela mídia e as reinterpretações feitas pela população brasileira que coloraram a comunidade negra em um patamar de grande pobreza e no ciclo do preconceito étnico, como revelou o estudo sobre desigualdade social realizado em 2015 pela Oxfam<sup>19</sup>- Oxford Committee for Famine Relief (Comitê de Oxford de Combate à Fome).

Com isto em mente, é importante estudar a internet como ferramenta de fortalecimento do ativismo negro, pois agora a mídia e o mercado começaram a ver a população negra de outra forma. Mesmo que o racismo ainda seja estrutural no Brasil; nos últimos anos, o número de propagandas nas quais os negros são representados de forma estereotipada diminuíram simbólica e significativamente, como mostra o estudo realizado por *Golzio et al.* (2016)<sup>20</sup> da Universidade Federal da Paraíba apresentado no Intercom 2016. No estudo analisou-se a presença do contingente afrodescendente brasileiro nos espaços publicitários denominados “*prime-time*”<sup>21</sup> veiculados entre os meses de agosto e outubro de 2015, nos intervalos da novela *A Regra do Jogo* e avaliou-se o grau de protagonismo e a imagem que era associada aos afrodescendentes. O estudo concluiu que o uso da imagem no negro em situações estereotipadas na publicidade diminuiu e o número de comerciais nos quais os negros são os protagonistas aumentaram.

## 2 ALGUNS CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

---

<sup>19</sup> Disponível em: <[https://www.oxfam.org.br/noticias/relatorio\\_davos\\_2016](https://www.oxfam.org.br/noticias/relatorio_davos_2016)>

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0595-1.pdf>>

<sup>21</sup> É um bloco de programação das emissoras de televisão exibido durante as noites, entre 20 e 23h, quando a audiência é maior.

Esta pesquisa estruturou-se a partir de duas etapas para coleta de dados e uma técnica de tratamento de tais dados. A primeira técnica de coleta teve como base a perspectiva qualitativa, na qual se coletou informações que podem ser enquadrados diretamente na Pesquisa Bibliográfica de cunho exploratório. Como percurso teórico seguiu-se a delimitação do conceito de representação social midiática, a partir da ideia de representação coletiva Durkheim (2003), passando pelos estudos de representação social de Moscovici (2009), Bourdieu (1990), Jodelet (2001) até uma depuração mais específica do termo em Stuart Hall (1996). Enquanto Jodelet (2001) pensa que as representações sociais – enquanto sistema de interpretações – regem a relação indivíduo / mundo, organizando e orientando as condutas e comunicações sociais ou influenciando em vários processos, tais como “a difusão e a assimilação de conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, as expressões dos grupos e as transformações sociais” (JODELET, 2001, p. 22); Hall (1996) aponta que representação e identidade são aspectos aprendidos a partir da cultura (sociedade) na qual o indivíduo está inserido e as relaciona com os movimentos sociais partindo da partilha cultural. Concluindo os seus estudos, Hall (1996) afirma que, a partir de interações, nós significamos os objetos de forma tão determinada que a representação (conceito) se torna natural e / ou inevitável, entendimento também expressado por Durkheim (2003) ao afirmar que as representações são universais e circunstanciais, originando-se da comunidade. E vale complementar que agora essas representações são forjadas, também, a partir interação com os meios de comunicação – especialmente na internet –, por isso o debate sobre (re)apropriação desse espaço pelo movimento social<sup>22</sup> negro se torna relevante. Neste sentido, trabalhou-se os sentidos de movimento social negro e ciberativismo, como temas correlatos a este artigo.

A segunda etapa desta pesquisa teve como instrumento de coleta a Pesquisa Documental, (FONSECA, 2002), realizada em 2017. Neste estudo, os documentos coletados (2017) e posteriormente analisados (em 2018) foram as músicas e entrevistas da Karol Conká, tendo dois critérios de escolha como principais: o primeiro foi a disponibilidade gratuita das entrevistas da cantora na internet, por isso selecionou-se a

---

<sup>22</sup> Gohn (2003, p.13) o delimita “movimento social” como “ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais”. Essas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações diversas, como de conflitos, litígios, disputas etc. Essas ações “desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum”. Interesses estes que são politizados e transformados em demandas originando, assim, um campo político de força social na sociedade civil.

plataforma digital Youtube. E o segundo critério foi o número de visualizações dos vídeos e de execuções de suas músicas nas plataformas digitais Youtube e Spotify, partindo do pressuposto que o número maior de visualização e de plays desses discursos fora em decorrência do seu alcance a uma parcela maior da população brasileira.

Desta forma, as músicas e entrevistas selecionadas se apresentam nas Tabelas 01 e 02:

**Tabela 01 – Músicas**

	Visualizações no Youtube	Execuções no Spotify	Data da coleta
Tombei <sup>23</sup>	20.262.571	12.230.920	18/10/2017
É o poder <sup>24</sup>	10.586.528	5.404.288	18/10/2017
Lá lá <sup>25</sup>	4.998.505	1.552.786	18/10/2017

Fonte: Os autores (2018)

**Tabela 2 – Entrevistas**

	Visualizações no Youtube	Data da coleta
Na cama com Gio Ewbank e Karol Conká <sup>26</sup>	329.314	18/10/2017
Karol Conká sobre padrão de beleza e racismo <sup>27</sup>	212.754	18/10/2017
Karol Conká fala sobre autoestima, preconceito e bullying <sup>28</sup>	202.174	18/10/2017

Fonte: Os autores (2018)

Por fim, conjugando com as técnicas de coletas de dados, utilizou-se a análise de discurso Gill (2002), enquanto instrumento de tratamento de dados, para aferir sobre a cantora Karol Conká e sua relação com as pautas e lutas do movimento negro, especialmente na internet.

A análise destes teve como ponto de partida as categorias de representações sociais elaboradas por Jodelet (2009), na qual a autora relaciona os discursos a três esferas de pertença: a primeira é a da subjetividade, a segunda é a esfera da intersubjetividade e a terceira é a esfera da transubjetividade. Jodelet (2009, p. 696) explica que “ainda que

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LfL4H0e5-Js>

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kOSQngZjvdc>

<sup>25</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=t\\_veXiDyQvU](https://www.youtube.com/watch?v=t_veXiDyQvU)

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NeCHAKDTnUw&t=209s>

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Qho7jcPvMU&t=307s>

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUpGWZkGqaU&t=564s>

devamos sempre levar em consideração o tipo do objeto referido no estudo de uma representação social, o [...] esquema será focalizado, por razões analíticas, exclusivamente sobre o sujeito pensante”; desta maneira, a classificação do discurso presente nas entrevistas e músicas será baseada no sujeito Karol Conká. Jodelet (2009) complementa explicando que mesmo a categorização partindo do sujeito pensante, os indivíduos devem ser entendidos não como seres isolados e sim como “atores sociais ativos, afetados por diferentes aspectos da vida cotidiana, que se desenvolve em um contexto social de interação e de inscrição” (JODELET, 2009, p.696), logo a análise levará em consideração a relação da cantora Karol Conká com o movimento negro brasileiro<sup>29</sup>.

Segundo Jodelet (2009) o termo “inscrição”, empregado acima, se refere a dois tipos de processos cuja importância está relacionada tanto a natureza do objeto, quanto ao contexto que deve ser considerado. O primeiro é a rede de interações com os outros, por meio da comunicação social, seguindo o modelo da triangulação sujeito-outro-objeto proposto por Moscovici (1984). O segundo é a pertença social definida em vários níveis, que são eles “o do lugar na estrutura social e da posição nas relações sociais, o da inserção nos grupos sociais e culturais que definem a identidade, o do contexto da vida onde se desenrolam as interações sociais, o do espaço social e público” (JODELET, 2009, p.696).

### **3 O DISCURSO DE KAROL CONKA E O MOVIMENTO NEGRO**

O Geledés<sup>30</sup> – Instituto da Mulher Negra considera a cantora Karol Conka uma das maiores representantes do negro na mídia brasileira dos últimos anos e por este motivo é um símbolo de visibilidade para os movimentos negros no Brasil. A cantora é, atualmente, uma das personalidades negras mais disputadas por grandes marcas como a Avon, da qual se tornou “rosto” em 2017, estrelando diversas campanhas que exaltam a estética negra e discursam sobre o empoderamento feminino.

---

<sup>29</sup> O movimento social negro é o mais antigo do Brasil. Consoante Fernandes (2015, p. 37), são mais de quatro séculos de luta, dos quilombos ao movimento negro contemporâneo. O primeiro navio negreiro aportou aqui em “1534 e os primeiros registros do Quilombo dos Palmares datam de 1597. São séculos de enfrentamento político, tanto no plano individual como coletivo, traduzidos em experiências históricas, muitas vezes negadas pela classe e raça”.

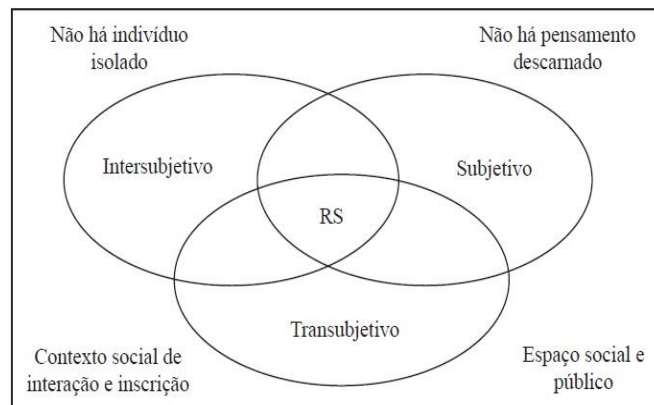
<sup>30</sup> É uma organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras, em particular, e da comunidade negra em geral e atua em diversas áreas como educação, comunicação, políticas públicas, etc.. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>



Karol Conka, geralmente, está ou é citada em debates acerca das questões relacionadas ao movimento negro. A cantora carrega um discurso racial e de empoderamento negro muito presente em suas músicas. Discurso este que sofreu e sofre as mais diversas formas de silenciamento. Analisar, portanto, tal discurso fazendo uma intersecção com os movimentos negros brasileiros e a internet é uma forma de repensar nosso próprio presente histórico.

Como citado em tópico anterior, a análise fora ancorada nas três categorias de pertença da representação social elaboradas por Jodelet (2009): 1. Subjetividade, 2. Intersubjetividade e 3. Transubjetividade. Desta forma, o esquema pode ser observado, de acordo com a Figura 01:

**Figura 01** – As esferas de pertença das representações sociais



**Fonte:** Jodelet (2009). Texto adaptado pelos autores (2018).

A primeira esfera apresentada por Jodelet (2009, p. 696 e 697) é a da subjetividade e diz respeito aos “processos que operam no nível dos indivíduos eles-mesmos”, ou seja, aqui o indivíduo se apropria e constrói suas próprias representações que podem ser derivadas da “natureza cognitiva, emocional, e dependem de uma experiência de vida”. Estudar a esfera subjetiva permite, portanto, que acessemos significados os quais o próprio sujeito “atribui a um objeto localizado no seu meio social e material, e examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo”.

No campo da representação social do negro brasileiro, esse nível é importante para entendermos de que forma a cantora Karol Conka foi atingida pelas (re)interpretações que a sociedade faz do negro e como ela se relacionou com seu próprio corpo quando sofreu situações de racismo. Um exemplo pode encontrado na entrevista concedida à emissora de televisão GNT, sobre autoestima, preconceito e bullying, na qual

a cantora cita que “minha mãe e meu pai me colocaram em um pedestal a partir do momento que viram que tinha uma menina de 7, 8 anos em casa molhando a mão em um balde com água sanitária para descolorir a pele” (Informação verbal)<sup>31</sup> o que já enquadra este discurso na esfera categórica subjetiva.

Outra fala da cantora, ainda da mesma entrevista, demonstra a forma que ela se relacionava com seu próprio corpo partindo das (re)interpretações que fazia sobre a maneira como o negro era representado socialmente: “meu pai falava que eu era tão linda e eu respondia que só eles diziam isso, porque eu chegava na escola e até a professora me xingava, zombava do meu cabelo e falava que eu era amaldiçoada por ser negra” (Informação verbal)<sup>32</sup>. Karol Conka expõe que várias professoras diziam que ela não possuía raciocínio por ser negra e até chamavam-na por nomes como “galinha da angola”. Enquanto criança, a cantora internalizou essas representações (ideias), pois não entendia sobre racismo e complementa dizendo que “eu achava que aquilo era real e pedia para o papai Noel que queria ser branca” (Informação verbal)<sup>33</sup>. Atualmente, enquanto representante do negro na mídia, Karol Conká cita que já tem uma imagem de si mesmo e de seu corpo formado e que essas representações sociais, que derivam de uma construção histórica, não a afetam mais da forma que afetavam na infância.

Quando questionada a respeito da representatividade do negro na mídia brasileira e sobre como a internet foi importante para o desenvolvimento do seu trabalho, a cantora explica que “hoje eu me sinto um espelho para as jovens negras, por causa do *feedback* que recebo nos shows. [...] Em um show que fiz em Madureira (RJ) eu sai do palco chorando, pois eram muitas meninas negras muito lindas dizendo que graças a mim elas se sentiam bonitas” (Informação verbal)<sup>34</sup> e diz que “sim a internet foi muito importante para a popularização do meu trabalho” (Informação verbal)<sup>35</sup>, o que afirma a contribuição da cantora para uma das pautas do movimento feminista negro brasileiro que é a questão da autoestima da mulher negra, denominada de empoderamento pelos ativistas, e comprova a hipótese de que a internet foi uma ferramenta essencial para levar

---

<sup>31</sup> Entrevista concedida à emissora de televisão GNT, publicada no canal do youtube dia 03 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUpGWZkGqaU>.

<sup>32</sup> Entrevista concedida à emissora de televisão GNT, publicada no canal do youtube dia 03 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUpGWZkGqaU>.

<sup>33</sup> Entrevista concedida à emissora de televisão GNT, publicada no canal do youtube dia 03 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUpGWZkGqaU>.

<sup>34</sup> Entrevista concedida à emissora de televisão GNT, publicada no canal do youtube dia 03 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUpGWZkGqaU>.

<sup>35</sup> Entrevista concedida à emissora de televisão GNT, publicada no canal do youtube dia 03 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUpGWZkGqaU>.

o seu discurso para um número maior de pessoas. Desta forma, estabelecendo uma relação entre a sua experiência e outros indivíduos, esse discurso da cantora Karol Conka também se enquadra na segunda categoria de pertença da representação social, que é a da intersubjetividade.

A intersubjetividade é a segunda das três categorias elaboradas por Jodelet (2009, p. 697) e diz respeito às situações de “interação entre os sujeitos, apontando em particular as elaborações negociadas e estabelecidas em comum pela comunicação verbal direta”. São as trocas mencionadas por Jodelet (2009) que servem como forma de fortalecimento para a teia de indivíduos politicamente motivados dentro dos movimentos sociais negros a lutarem contra a representação histórica negativa que acompanha essa classe e se apropriar dos conhecimentos e informações que a internet lhes proporcionou para lutar contra o seu fim e estabelecer uma nova representação social do negro que não seja carregada de aspectos estruturais da sociedade brasileira como o racismo, uma vez que “nesses espaços de interlocução, recorre-se, também, a um universo já constituído, no plano pessoal ou social [...] como meio de compreensão, ferramentas de interpretação e de construção de significações partilhadas em torno de um objeto de interesse comum” (JODELET, 2009, p.698).

Esta relação intersubjetiva de comunicação e informação entre a Karol Conká e o movimento e ativismo negro pode ser observada na entrevista concedida ao canal da Giovana Ewbank no youtube, quando a cantora diz para as mulheres negras que elas “têm que se aceitar e é necessário bater nessa tecla, pois existem pessoas lá fora que não vão te aceitar, esse é o primeiro passo [...] todo mundo tem sua beleza” (Informação verbal)<sup>36</sup>.

Ainda no sentido de criar relação com os indivíduos e construir saberes, existem as pessoas que criticam os movimentos negros por afirmarem que é “mimimi”<sup>37</sup> ou determinismo, atitude denominada de silenciamento pelos movimentos sociais, já que tentam deslegitimar os seus argumentos. Nessa mesma entrevista a cantora cita “eu adoro escrever para provocar essas pessoas” (Informação verbal)<sup>38</sup> e complementa falando um trecho de sua música “Bate a Poeira”, a cantora cita que “o preconceito velado tem o mesmo efeito, mesmo estrago [...] Se o tempo é rei vamos esperar a lei, tudo que já

<sup>36</sup> Entrevista concedida ao canal de youtube de Giovana Ewbank, publicada no dia 23 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NeCHAkDTnUw>.

<sup>37</sup> Expressão usada na comunicação informal para descrever ou imitar uma pessoa que reclama. O mimimi tem uma conotação pejorativa, sendo muitas vezes é utilizado para satirizar alguém que passa a vida reclamando.

<sup>38</sup> Entrevista concedida ao canal de youtube de Giovana Ewbank, publicada no dia 23 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NeCHAkDTnUw>.

---

passsei, nunca me intimidei, já sofri, já ganhei, aprendi, ensinei. Tentaram me sufocar mas eu respirei” (Informação verbal)<sup>39</sup>, ou seja, além de falar com os movimentos negros é necessário que ela, como representante dessa luta, utilize a visibilidade e o poder propagabilidade que a internet proporciona, como afirma Jenkins *et al.* (2014), para falar pelo movimento social negro. Esta conclusão é reafirmada com a letra da música “É o Poder” na qual a cantora expõe o objetivo do seu discurso, Karol Conká cita: “Sociedade em choque eu vim pra incomodar. Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar, quem foi que disse que isso aqui não era pra mim se equivocou. Fui eu quem criei, vivi, escolhi me descobrir e agora aqui estou” (Informação verbal)<sup>40</sup>.

Quando Karol Conká diz “quem foi que disse que isso aqui não era pra mim se equivocou” ela se refere ao espaço na mídia que foi historicamente negado ao negro, por razões já discutidas nos capítulos anteriores, logo, o discurso dela deixa de ser apenas intersubjetivo – relação sujeito pensante / indivíduos – e passa também a ser transubjetivo, pois ela se relaciona com os “espaços sociais ou públicos nos quais evoluem os sujeitos” (JODELET, 2009, p. 702), ou seja, se relaciona com a estrutura brasileira na qual o indivíduo esta inseridos e que oferece ao negro pouca oportunidade para estar na posição que a cantora se encontra, como afirmou Lima (2004) ao estudar e estabelecer uma relação entre a Mídia e a Política no Brasil.

Por fim, chegamos à terceira esfera de pertença das representações sociais. Para Jodelet (2009, p. 698) a categoria da transubjetividade é composta por elementos que ultrapassam os dois primeiros níveis, pois “sua escala domina tanto os indivíduos e os grupos quanto os contextos de interação, as produções discursivas e as trocas verbais”.

Apropriando-se desses estudos, relacionando com o discurso da cantora Karol Conká, o ativismo e ciberativismo negro brasileiro, podemos afirmar que a cantora usa sua música como **meio**, para lutar, juntamente com o movimento social negro, contra a **situação complexa** na qual está inserida (racismo estrutural, machismo, objetificação da mulher, desumanização do corpo negro) e alcançar seu **objetivo**, que é viver em uma sociedade na qual a igualdade de gênero, a democracia racial, o machismo e racismo, apontados por Fernandes (2015) como estruturais, sejam apenas memórias de um passado triste.

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida ao canal de youtube de Giovana Ewbank, publicada no dia 23 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NeCHAkDTnUw>.

<sup>40</sup> Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kOSQngZjvdc>

---

Abaixo, serão citados alguns trechos das músicas Tombei, É o poder e Lá lá e será estabelecido a relação música – pauta do movimento negro – categoria de representação, pois, como aponta Lemos (2003, p.68), uma característica da cibercultura é que “a circulação de informações não obedece à hierarquia da árvore (um-todos), e sim à multiplicidade do rizoma (todos-todos)”, mas, ao mesmo tempo, a informação ou discurso parte de um ponto (sujeito), como aponta Jodelet (2009) para então chegar no outro – categoria intersubjetiva –, na estrutura (campo sociopolítico) – categoria transubjetiva –, ou pode ter efeito apenas no próprio sujeito – categoria subjetiva – e assim se estabelecer a relação sujeito-objeto.

Na música “Tombei” a cantora apresenta um discurso muito pautado no empoderamento negro e a estética do vídeo é marcante por apresentar este recorte do movimento negro brasileiro. O próprio título da música foi retirado do contexto do ativismo negro e tem relação com a geração tombamento, que são os negros que usam sua estética – cabelos crespos, os traços largos e a cor de pele – como instrumento de resistência. Neste quesito podemos enquadrar o discurso da cantora como subjetivo Jodelet (2009), uma vez que diz respeito à relação sujeito ele-mesmo.

A segunda canção da rapper é “É o poder:

Se a carapuça serve falo mesmo / E eu cobro quem me deve / Sociedade em choque eu vim pra incomodar / Aqui o santo é forte, é melhor se acostumar / Quem foi que disse que isso aqui não era pra mim se equivocou / Fui eu quem criei, vivi, escolhi me descobri e agora aqui estou / Juiz de internet caga se espalhando feito peste / Se não tá no meu lugar então não fale meu (não fale) / Se for fazer pela metade não vale (não vale) / Quebro tudo pra que todos se calem / Quem vem só quem tem coragem vai / Já falei que quem nasceu pra ser do topo nunca cai (CONKA, 2015, online).

Na música, a cantora com um discurso de enfrentamento ao racismo estrutural, apontado por Guimarães (2004) em seu artigo *Preconceito de cor e racismo no Brasil*, no qual o autor (2004) afirma que o racismo é um alicerce estruturante da formação social, política e cultural do Brasil. Relacionando o discurso diretamente ao movimento negro brasileiro que enfrenta essa estrutura desde Palmares, como apontou Fernandes (2015) e o enquadra na categoria transubjetiva de pertença da representação social.

---

A terceira música da cantora Karol Conka selecionada foi “Lá lá”<sup>41</sup>, que apresenta um discurso sobre a prática do sexo oral nas mulheres ser um tabu. A música, apesar de não conter nenhuma palavra de cunho explícito, foi censurada pelo youtube alguns dias depois de lançada, o que reafirma a fala da cantora ao dizer que o sexo oral na mulher é tabu, principalmente se compararmos com outros gêneros musicais, como o *funk*, que apresenta um discurso sexual explícito e comumente não é censurado.

Para Barreto (2004), o prazer da mulher se tornou tabu, pois existe uma estrutura que a enquadra como subordinada, pela forma que o patriarcalismo cria desigualdades básicas que impõem as posições relativas das mulheres. E isto se agrava para as mulheres negras, quando fazemos a intersecção entre o patriarcado e o racismo, especialmente por conta da imagem de “mulata exportação” que foi construída atribuindo à mulher negra a imagem de sempre disposta a relações sexuais e sempre à disposição dos homens. Enquadrando, desta forma, o discurso na esfera de pertença transubjetiva, pois a Karol Conka se relaciona com a estrutura na qual esta inserida através de sua música.

E por fim, chegamos ao último discurso da cantora a ser analisado: a entrevista da cantora, junto com a Mc Carol, ao Portal *Popline* sobre padrão de beleza e racismo. A cantora começa falando “obrigado ao papel pop por ceder esse espaço para a gente falar sobre isso, [...] que só o público mente avançada do papel pop vai ter acesso a essa informação, porque a televisão não vai passar” (Informação verbal)<sup>42</sup>, reafirmando o silenciamento que as pautas raciais sofrem nas mídias convencionais citado no capítulo sobre a Intersecção: silêncios, internet e Karol Conka.

Ao ser questionada sobre a letra da música “Delação Premiada” na qual aborda o tema da desigualdade no campo institucional, como apontou Magalhães (2004), referente às raças e classes (negro-pobre x branco-rico), e por que poucas pessoas falam sobre isso no meio artístico, Karol Conka diz que “é perigoso, [...] pois não querem cometer o mesmo deslize da Nina Simone, que foi com essa mesma garra e não foi

---

<sup>41</sup> Moleque mimado bolado que agora chora / Só porque eu mandei ajoelhar / Fazer um lalá por várias horas / Dá pra perceber que existem vários / Falam demais, fingem que faz / Chega a ser hilário / Mal sabe a diferença de um clitóris pra um ovário / Dedilham ao contrário / Egoístas criando um orgasmo imaginário / Pouco importa pra ele se você também tá satisfeita / Esses caras ainda não aprenderam / que 10 minutos é desfeita / Desse jeito desanima / Quero ser bem atendida / O que me anima é a habilidade na lambida / Malícia, muita saliva enquanto eu queimo uma sativa / É inacreditável, eles ficam sem ação / Quando a gente sabe o que quer e já mete a pressão / Tem que saber fazer se não gera contradição / Direitos de prazer iguais, mais compreensão / Curvem-se, encostem os lábios na flor / Quebra esse tabu, isso não é nenhum favor (CONKA, 2017, online).

<sup>42</sup> Entrevista concedida ao Portal *Popline*, publicada no youtube dia 11 de agosto de 2016

---

compreendida” (Informação verbal)<sup>43</sup>. A cantora ainda complementa “eu arranjei uma maneira de falar de problemas social, de forma alegre e divertida” (Informação verbal)<sup>44</sup>.

Sobre padrão de beleza, a cantora falou da campanha #OQueTeDefine, apresentada no capítulo 3, e fala “é importante a gente estar sendo colocada como exemplo de beleza, [...] pois antes eu achava que pra passar uma maquiagem eu tinha que estar igual a moça do catálogo” (Informação verbal)<sup>45</sup>, reafirmando a relação do seu discurso com o movimento social negro brasileiro com as lutas acerca da falta de representatividade positiva da população negra e o enquadrando em duas categorias, a subjetiva, pois exerce uma função do sujeito com ele mesmo, e transubjetiva, ao lutar e questionar o racismo institucional como forma de exercer sua cidadania.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A priori, conclui-se que as hipóteses foram reafirmadas ao logo do trabalho de análise. As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial a Internet, imergem no cenário brasileiro como ferramentas essenciais para movimento negro e seu fortalecimento, tanto enquanto mobilização social, quanto no que tange a apropriação desse espaço como forma de resistência, e de transformação da realidade resultante das representações elaboradas acerca dos negros desde a fundação do Brasil. Agora, existe uma melhor articulação por parte dos movimentos sociais contra a hegemonia exercida pelos meios de comunicações e a emissão e mediação dos discursos (sujeito-discurso- interpretação) que antes era elaborada apenas pelos media, podem ocorrer de outras maneiras partindo de outras fontes de informações.

Embora seja uma luta e quase 400 anos e ainda esteja longe de acabar, podemos observar que houve alguns avanços que devem ser comemorados pelo movimento negro, como por exemplo, a redução do uso do contingente afrodescendente brasileiro por parte dos meios de comunicação em situações estereotipadas, ou a ressignificação do que é considerado belo para valorizar, também, os traços e características da população negra.

Ressalta-se, também, que Karol Conka utiliza a sua visibilidade enquanto artista e representante do movimento negro para levar essas questões a um número maior de

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida ao Portal *Popline*, publicada no youtube dia 11 de agosto de 2016

<sup>44</sup> Entrevista concedida ao Portal *Popline*, publicada no youtube dia 11 de agosto de 2016

<sup>45</sup> Entrevista concedida ao Portal *Popline*, publicada no youtube dia 11 de agosto de 2016

indivíduos através das mídias *mainstream*, nas quais está presente por conta da visibilidade que o ciberespaço lhe proporcionou. Ou seja, como símbolo do ativismo e ciberativismo negro brasileiro, a cantora utiliza, sim, a sua arte para contribuir com as lutas deste, mesmo que ainda enfrente certo silenciamento por parte dos meios de comunicação tradicionais. Validando o estudo da cantora sobre a perspectiva de mediadora e construtora das categorias de representações sociais elaboradas por Jodelet (2009).

## 5 REFERÊNCIAS

- BARRETO, Maria. Patriarcalismo e o feminismo: uma retrospectiva histórica *In: Revista Ártemis*, 2004. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/2363/2095>> Acesso em: 30 de outubro de 2015.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FERNANDES, Valdísio. Diálogos: marcos da luta antirracista no Brasil. *In: CESE. Equidade Racial: Sistematização do Projeto de Fortalecimento Institucional*. São Paulo: CESE, 2015.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em 16 de agosto de 2017.
- GILL, R. Análise de Discurso. *In: BAUER, Martin; GASKELL George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GOLZIO, Derval. FRANÇA, Diego. SILVA, Edielson. **O negro na publicidade: análise dos comerciais dos intervalos da novela a regra do jogo, da rede globo de televisão**. *In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, Caruaru, 2016. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0595-1.pdf>> Acesso em: 02 de novembro de 2017.
- GUIMARÃES, Antônio. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *In: Revista de Antropologia*. vol. 47, no.1, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012004000100001>> Acesso em: 30 de outubro de 2017
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *In: Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996, p. 68-75.
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. (Org) Liv Sovik;



---

Tradução de Adelaine *et al.* Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. Disponível em: <[http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Da\\_Diaspora\\_-\\_Stuart\\_Hall-book.pdf](http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Da_Diaspora_-_Stuart_Hall-book.pdf)>. Acesso em 30 de setembro de 2017.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/61566294/Representacoes-Sociais-Cap-01-Jodelet>> Acesso em 13 de outubro de 2017.

LEMONS, André. **Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Ed. 34, 1999. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091443/mod\\_resource/content/1/Cibercultura%20%28LEVY%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091443/mod_resource/content/1/Cibercultura%20%28LEVY%29.pdf)>. Acesso em 29 de outubro de 2017.

LIMA, Venício. Teses sobre política no Brasil. *In: Revista Usp*, São Paulo, n.61, p. 48-57, março/maio, 2004.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen. Traduzido do inglês por Pedrinho Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Madras, 2008.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: a força dos trabalhadores. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.